

4

—

162 anos de *Úrsula*

# A primeira resenha de *Úrsula* na imprensa maranhense\*

## RESUMO

Este artigo faz uma análise do anúncio de subscrição do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, veiculado na seção *Publicações Pedidas*, do jornal *A Imprensa*, de 17 de outubro de 1857, ano I, número 40, página 3, segunda coluna. A partir da análise de parágrafos, demonstramos que, ao descrever a ambientação da narrativa, a resenha aborda questões relativas às condições de produção da obra e também lança luz para alguns elementos que poderiam fazer parte de um possível projeto literário e intelectual de Maria Firmina dos Reis. A análise está pautada nas abordagens de Antonia Pereira de Souza, Sérgio Barcellos Ximenes e Luiza Lobo.

## PALAVRAS-CHAVE

Maria Firmina dos Reis. *Úrsula*. Literatura Brasileira. Mulheres. Escravidão.

## Luciana Martins Diogo

*Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP); Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP); Mestra em Culturas e Identidades Brasileiras pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) com a dissertação Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A escrava de Maria Firmina dos Reis, com bolsa Capes; Gestora de conteúdos e Editora do portal Memorial de Maria Firmina dos Reis.*

*luciana.diogo@usp.br*

---

\* Conteúdo do portal Memorial de Maria Firmina dos Reis. Uma versão deste texto foi publicado na *Afluentes: Revista de Letras e Linguística* v. 3, n. 8, maio/ago. 2018.

## INTRODUÇÃO

No nascente mercado literário brasileiro do século XIX, era bastante comum que *editores*<sup>1</sup> empregassem a estratégia de assinaturas para vender seus livros. Chamadas também de subscrições, as assinaturas conformavam um tipo de venda baseada na confiança estabelecida entre proponentes e leitores (subscritores) – estes últimos comprometiam-se a pagar quando fossem receber o exemplar, garantindo, com isso, a publicação da obra.<sup>2</sup>

Antonia Pereira de Souza, em *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista* (2017), trabalho no qual analisa alguns anúncios que divulgavam coletas de assinaturas ou subscrições para a prosa de ficção nos jornais maranhenses do século XIX, afirma que a prática de divulgação e venda de livros, por meio de pedidos de subscrições, visava, principalmente, garantir um número suficiente de compradores para determinados livros. Segundo ela, esses anúncios de assinaturas, além de apresentarem e descreverem as obras, também revelavam os caminhos percorridos por um livro naquela época, a partir da divulgação das cidades onde ocorriam as subscrições (SOUZA, 2017), constituindo-se, assim, em importantes fontes para as análises e pesquisas atuais, como fica explícito no trecho a seguir:

O anúncio para assinaturas do romance *A mão do finado*, de responsabilidade de Satyro Antônio de Farias, veiculado no *Publicador Maranhense*, além de apresentar a obra como atual: ‘impressa no corrente ano de 1853’; descrevê-la como ‘romance em continuação ao *Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas’; através da divulgação das cidades onde ocorreriam as subscrições, revela os caminhos que esse romance percorreu no Maranhão: São Luís, Caxias, Codó, Coroatá e Itapecuru-Mirim. Essa mesma trajetória pode ter sido feita pela obra *Maria, a filha do jornalista*, promessa de lançamento, anunciada no final do reclame (*Publicador Maranhense*, 1853, p. 4 apud SOUZA, 2017, p.227).

De acordo com a autora, um romance que fosse muito comentado ao chegar ao mercado literário, tinha maiores possibilidades de atrair assinaturas, fato que aconteceu com *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, que, segundo ela, “não tinha nem sido lançado, mas foi veiculada a notícia de que entre os primeiros leitores de alguns de seus capítulos encontrava-se uma mulher que desmaiou, ao conhecer parte da história. Esse fato gerou uma curiosidade contagiando também os leitores maranhenses” (SOUZA, 2017, p. 229). Souza analisa a estratégia utilizada por Belarmino de Mattos<sup>3</sup> para vender essa obra nos jornais *Publicador Maranhense* e *Porto Livre*:

---

<sup>1</sup> Vale lembrar que em meados do século XIX não havia editoras no Brasil. As tipografias imprimiam periódicos e livros que geralmente eram viabilizados pelo sistema de subscrição antecipada. Também não havia editores de texto: os periódicos literários, por exemplo, eram produzidos domesticamente, em regra por um grupo de amigos, e depois levados à tipografia para impressão (XIMENES, 2017, online).

<sup>2</sup> O mesmo acontecia com as histórias publicadas em capítulos, como os folhetins.

<sup>3</sup> Impressor e tipógrafo maranhense.

OS MISERÁVEIS ROMANCE DE VICTOR HUGO. O abaixo assinado avisa aos Srs. Assinantes, que no mês vindouro principia a publicar este excelente romance de Victor Hugo, que tanto barulho tem feito no mercado literário. Os volumes de 120 páginas em 8º francês serão publicados de 15 em 15 dias a razão de 1.000 réis pagos na ocasião da entrega. Continua-se a receber assinaturas na Tipografia do Progresso, Rua da Paz, n. 4. O Editor, B. de Mattos (*Publicador Maranhense*, 1862, p. 4 apud SOUZA, 2017, p. 230).

A autora observou duas formas principais de subscrição. A mais comum era abrir subscrições para uma grande quantidade de livros ao mesmo tempo e, exatamente por isso, esse era um sistema bastante utilizado por tipografias, livrarias e bibliotecas de outros países com filiais em São Luís. A outra forma eram os anúncios independentes, essa estratégia geralmente era empregada na campanha de lançamento de livros porque dava maior visibilidade à obra e atraía mais compradores (SOUZA, 2017, p. 230).

Segundo Antonia Souza, o romance *Úrsula*<sup>4</sup>, de Maria Firmina dos Reis, recebeu uma subscrição anunciada de forma independente e diferente das anteriormente citadas, aproximando-se muito mais de uma resenha, já que apresentava um longo prospecto sobre a obra e a autora, que, embora mantida anônima, era referida como 'jovem maranhense', 'autora brasileira', explicitando que a autora era mulher.

Souza destaca que algumas obras eram, com frequência, anunciadas nos jornais de forma anônima, ela elucida que isso ocorria, provavelmente,

pelo fato de que no século XIX, os autores não eram instâncias relevantes: o que mais importava era que suas histórias se parecessem com as histórias famosas e que suas narrativas se aproximassem daquelas notáveis (BARBOSA, 2007, p. 34 apud SOUZA, 2017).

O anúncio independente de *Úrsula* foi veiculado na seção *Publicações Pedidas*, no jornal *A Imprensa*, de 17 de outubro de 1857, ano I, número 40, página 3, segunda coluna (SOUZA, 2017). A resenha revela, antes de tudo, uma informação muito importante: *Úrsula* já estava pronto em 1857, ano em que, por exemplo, José de Alencar publica o romance *O Guarani*, em folhetins, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*<sup>5</sup>.

Sérgio Barcellos Ximenes (2017) afirma que, em todas as fontes disponíveis na internet, em livros e em trabalhos acadêmicos, um só ano é associado ao romance: 1859. A informação consta da folha de rosto da primeira edição de *Úrsula*.

Entretanto, dois trabalhos abordam essa resenha de 1857 atualmente: o primeiro, a tese de doutorado *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista*, de março de 2017, desenvolvida pela pesquisadora Antonia Pereira de Souza, em João Pessoa, PB (citada neste artigo), que não tem a escritora como tema central do estudo; o segundo é a postagem intitulada *A história do romance Úrsula*, de 2018, no blog *A Arte Literária*, de Sérgio Barcellos Ximenes (autor já citado neste artigo), que faz um interessantíssimo estudo sobre a obra da escritora,

---

<sup>4</sup> *Úrsula - Romance Original Brasileiro - Por Uma Maranhense*. São Luís. Na Tipografia do Progresso, 49. 1859.

<sup>5</sup> Iniciado em 01 de janeiro de 1857.



*Mulher perfil. Carolina Itzá*

apresentando uma pesquisa detalhada da obra e da vida de Maria Firmina e sua atuação na imprensa. Ele relata que:

Alguns meses depois de ter encontrado essa primeira resenha de 'Úrsula', na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, uma surpresa: ao baixar a tese de doutorado intitulada 'A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista', de Antonia Pereira de Souza (João Pessoa, PB), descobri que o texto da resenha fazia parte da página 232 desse trabalho, apresentado em março de 2017 (XIMENES, 2017, online).

Em termos gerais, essa nova informação reforça a importância da continuidade das pesquisas sobre Maria Firmina dos Reis, que tem se desenvolvido com maior profundidade nos últimos dez anos, e aponta ainda para a possibilidade de descoberta de novos materiais e informações sobre a escritora, como já observou a pesquisadora Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho (2018, p. 82).

Enfim, o anúncio em questão apresenta o resumo do livro, com ambientação da narrativa, caracterização de personagens e algumas informações sobre os processos e as condições de produção da obra. No final, ele apresenta o objetivo: "Subscreve-se para esta obra na [Tipografia] do *Progresso*, do *Observador*, do Diário [do Maranhão] e do *Publicador* [Maranhense] — preço por cada exemplar brochura — 2\$000rs" (SOUZA, 2017, p. 232).

Muito provavelmente, não houve resposta positiva do público a esse chamado (XIMENES, 2018), tudo sugere que o anúncio não conseguiu garantir

o número suficiente de compradores/subscritores que financiariam a publicação da obra.

Três anos depois, as subscrições do romance ganharam versão resumida com: título (seguido da expressão "romance brasileiro por uma maranhense"), informações sobre o volume, o tamanho e o preço (que não mudou), além do apelo de que vender o livro "singelo e elegante" representaria ânimo para a escritora "modesta" e "talentosa maranhense" (*A Imprensa*, 1860, p. 4 apud SOUZA, 2017, p. 232).

O primeiro anúncio do romance, em 18 de fevereiro de 1860 *A Imprensa*, ano IV, número 11, apresentava a chamada a subscritores – "Assina-se nesta tipografia" –, o que sugere que o romance ainda não havia sido impresso. Após cinco meses e meio de divulgação por meio de quatro anúncios de subscrições (*A Imprensa*: 18 e 22/2; 11 e 16/4), o anúncio de venda do livro *Úrsula* começa a circular em 1º de agosto daquele ano, no jornal *A Imprensa*, três anos após a publicação de sua resenha.

O anúncio que circulou no *Publicador Maranhense* em *A Imprensa* não identificava o nome da autora. Informava que o livro estava sendo vendido na livraria de Antonio Pereira Ramos de Almeida, e na Tipografia do Progresso<sup>6</sup>.

A partir de fevereiro de 1861, anúncios de venda descreviam *Úrsula* como "excelente romance", assinalando mudanças nas impressões sobre a obra (SOUZA, 2017, p. 232) e nas estratégias de anúncio do livro.

---

<sup>6</sup> "A Tipografia do Progresso chamava-se Tipografia Maranhense. Eram comuns as publicações que substituíam os nomes das empresas pelos periódicos que as veiculavam" (SOUZA, 2017, p. 203).

Ao todo, de 18 de fevereiro de 1860 a 17 de setembro de 1862, foram publicados 50 anúncios de *Úrsula* (XIMENES, 2017) nos jornais *A Imprensa*, *A Moderação*, *Publicador Maranhense* e *A Coalizão*, sendo quatro anúncios de subscrição e 46 anúncios de venda.

Sérgio Barcellos Ximenes (2017) ressalta que a maioria dos anúncios aparecia em destaque na página, e nenhum deles foi acompanhado de outro livro vendido pela tipografia. Ele destaca que também não foram encontrados anúncios de outros livros nos quatro jornais, a não ser de um eventual Almanaque tradicionalmente vendido no final de um ano. Para ele, *Úrsula* reinou sozinho nos anúncios dos jornais do Maranhão, durante mais de dois anos.

Essa divulgação incomum para os padrões da época (dois anos e meio) parece indicar uma boa receptividade à obra de Maria Firmina, demonstra que a obra se manteve no mercado, e que, portanto, possuía leitores. (SOUZA, 2017; XIMENES, 2017).

### LENDO A RESENHA DE 1857

A resenha do romance *Úrsula* publicada na terceira página do jornal *A Imprensa*, em 17 de outubro de 1857, é um anúncio de subscrição da obra composto por dez parágrafos, que realiza a apresentação geral do livro ressaltando, sobretudo, o caráter ficcional do texto.



Sonhei Recife [detalhe]. Carolina Itzá

## PUBLICAÇÕES PEDIDAS

### PROSPECTO

— O romance brasileiro que se vai dar ao prelo sob a denominação de — ÚRSULA — é todo filho da imaginação da autora, jovem Maranhense, que soltando as asas à sua imaginação, estreia a sua carreira literária oferecendo ao Ilustrado Público da sua nação as páginas, talvez por demais vazias de um estilo apurado, como o é o do século, mas simples, e os pensamentos, não profundos, mas entranhados de patriotismo. Todo ele ressentido de amor nacional e de uma dedicação extrema à Liberdade.

Os personagens da sua obra, não os foi buscar num fato original; a existência desses entes criou-a ela, no correr da mente.

A autora simpatiza com o que há de belo nas solidões dos campos, na voz dos bosques e no gemer das selvas, e por isso preferiu tecer os fios do seu romance, melhor que nos salões dourados da corte, nos amenos campos e nas gratas matas do seu país.

Recolhida ao seu gabinete a sós consigo mesma, a autora brasileira tem procurado estudar os homens e as coisas, e o fruto desses esforços de sua vontade é: — ÚRSULA —.

A donzela, que vai aparecer-vos sob esse nome, vivendo isolada nas solitárias regiões do Norte, não é um desses tipos de esmerada civilização, mas, longe de serem selvagens os seus costumes, Úrsula tinha o cunho de um caráter ingênuo e puro, com o só defeito de ser talvez por demais ardente e apaixonada a sua alma. Constante nos seus afetos, essa donzela não se assemelha a tantas outras mulheres volúveis e inconsequentes que, aprendendo desde o berço a iludir,

deslustram o seu sexo, mal compreendendo a missão de paz e de amor de que as incumbiu Deus.

Talvez um amor estremecido e uma prevenção desde o berço, alimentada contra seu tio, o comendador P., lhe dê por um momento os traços de leviandade, mas se atentarmos que Úrsula, no verdor dos anos, arrastada por essas duas paixões imperiosas que tão fatais lhe foram, conservou a pureza de uma alma angélica, confessaremos que a predileta da autora tinha o caráter firme, como sói ser o das almas grandes e virtuosas.

Úrsula tinha a imaginação ardente das filhas do Norte, e como elas guardava na alma sentimentos nobres e um afeto e uma dedicação que só o túmulo saberá extinguir.

Menos ardente não era o coração do jovem Tancredo — essas duas almas perfeitamente harmonizavam. O comendador invejou tão extrema ventura e lançou absinto no vaso de suas doces esperanças: podia ter sido generoso, mas seu amor era terrível, ele não pôde perdoar.

Túlio e Susana representam essa porção do gênero humano tão recomendável pelas suas desditas — O Escravo! —. A autora tem meditado sobre a sorte desses desgraçados entes, tem-lhes escutado as lacrimosas nênias e o gemer saudoso, a recordação de uma vida que já lá passou, mas que era bela nas regiões da África!...

É um brado a favor da humanidade — desculpai-a...

Subscreve-se para esta obra na tip. [tipografia] do *Progresso*, do *Observador*, do *Diário [do Maranhão]* e do *Publicador [Maranhense]* — preço por cada exemplar brochado — 2\$000rs.

O CAIXEIRO D'ALFAIATE.

(*A Imprensa*, 17/10/1857, ano I, número 40, página 3, segunda coluna)<sup>7</sup>.

por Sérgio Barcellos Ximenes.

Analisando seu conteúdo, percebemos que ao descrever a ambientação da narrativa, a resenha aborda também questões sobre as condições de produção da obra, bem como lança luz para alguns elementos que poderiam fazer parte de um possível projeto literário e intelectual de Maria Firmina.

De modo geral, realiza a caracterização das personagens: são três parágrafos dedicados à apresentação da personagem Úrsula (do quinto ao sétimo parágrafos), descrevendo o seu caráter, seus defeitos e conflitos; e três linhas para apresentar os personagens Tancredo e Comendador P.; apresentando também, em quatro linhas, Túlio e Susana, personagens escravizadas da obra. Além disso, destaca o principal conflito do romance: o amor ideal entre Úrsula e Tancredo, em oposição à inveja do vilão, Comendador P.

A resenha mantém a autoria da obra anônima, referindo-se a Firmina como 'jovem maranhense' ou 'autora brasileira', explicitando apenas seu gênero, ou seja, lendo a resenha, sabe-se que o livro foi escrito por uma mulher.

De forma mais detalhada, no primeiro parágrafo temos informações biográficas. Nele, a autora é apresentada como uma 'jovem maranhense' que estreia na carreira literária. Temos informações sobre a edição: a expressão “que se vai dar ao prelo” deixa claro que o livro ainda não estava impresso, mas já estava pronto para ser editado. E traz ainda informações sobre o público a que se destinava o anúncio de subscrição do romance – o *Ilustrado Público da sua nação*.

Além disso, esse parágrafo traz uma breve análise crítica da obra, caracterizada como sendo de

estilo simples, mas com a advertência de que essa seria mais uma característica do século, ou seja, a/o resenhista insere e situa a obra de Firmina em um contexto de produção literária de época mais amplo, apontando alguns elementos temáticos explorados pela escritora, como o patriotismo e a questão da liberdade, pautados também nos debates sociais do período, mostrando que a autora selecionou questões ligadas ao seu contexto para compor sua ficção.

O gênero literário do texto é identificado como romance de ficção: “*ÚRSULA* — é todo filho da imaginação da autora, jovem Maranhense, que soltando as asas à sua imaginação, estreia a sua carreira literária”. Essa informação ainda é enfatizada no segundo parágrafo: “Os personagens da sua obra, não os foi buscar num fato original; a existência desses entes criou-a ela, no correr da mente”.

O terceiro parágrafo, por sua vez, realiza a ambientação da obra a partir da contraposição rural/urbano, que para a/o resenhista, estava expressa na escolha de Firmina por ambientar seu romance a partir das descrições dos campos, das matas e selvas do país (ou seja, a natureza, um elemento característico do Romantismo brasileiro); em vez de optar pelas descrições do ambiente dos salões da Corte, provavelmente bastante comuns nas narrativas da época. Esse parágrafo demonstra que o/a redator/a da resenha era ciente de que os procedimentos de feitura da obra estavam assentados nas escolhas conscientes de Firmina: “autora simpatiza com o que há de belo nas solidões dos campos [...] preferiu tecer os fios do seu romance...”, esse trecho evidencia que a escritora era percebida como uma artista que manipulava elementos sociais e estilísticos em

sua composição artística, fato que hoje podemos compreender como sendo uma tomada de posição de Maria Firmina dos Reis frente aos modelos disponíveis no campo literário do período.

O quarto parágrafo é bastante interessante porque ilumina questões referentes às condições de produção da escritora, que podem ser identificadas a seguir: “Recolhida ao seu gabinete a sós consigo mesma, a autora brasileira tem procurado estudar os homens e as coisas, e o fruto desses esforços de sua vontade é: — *ÚRSULA*”.

Primeiro, o trecho informa que Firmina trabalhava solitária em um gabinete, esse é um dado importante, já que temos poucas referências que permitam reconstituir as condições em que a escritora criou sua obra; segundo, podemos perceber que para o/a resenhista, Maria Firmina possuía um projeto intelectual/literário – “estudar o homem e as coisas” – e identificava *Úrsula* como fruto da vontade da autora, ou seja, reconhecia a intencionalidade de Firmina nas escolhas dos métodos de composição artística que desenvolvia.

A partir do quinto parágrafo, inicia-se a caracterização das personagens da obra: *Úrsula* é descrita como uma donzela solitária e isolada; de caráter ingênuo e puro, com o defeito de possuir uma alma ardente e apaixonada. Para a/o resenhista, os contrastes no caráter da personagem vinham dos traços de leviandade gerados nos conflitos entre a intensidade do amor devotado a Tancredo e o constante estado de prevenção que devia manter em relação ao cruel Comendador P., revelando qual era o contexto de opressão que homens submetiam as mulheres nos Oitocentos, ressaltando que a pureza

da alma de *Úrsula*, no entanto, era sempre conservada, como vemos no seguinte trecho: “A donzela, que vai aparecer-vos sob esse nome, vivendo isolada nas solitárias regiões do Norte não é um desses tipos de esmerada civilização, mas, longe de serem selvagens os seus costumes, *Úrsula* tinha o cunho de um caráter ingênuo e puro”.

Notamos que, nessa caracterização, o/a autor/a da resenha recorre à contraposição civilização *versus* selvagens (recorrente no século XIX) para descrever a personagem e mobiliza, ainda, noções que relacionam espaço geográfico e determinação da personalidade. As regiões do Norte do país são descritas como solitárias e, por isso, capazes de oferecer condições de isolamento que conformariam o caráter puro e ingênuo da personagem, sempre constante nos afetos. Essa ideia é retomada no sétimo parágrafo, mas com um tom de regionalismo bem acentuado, afirmando que *Úrsula* seria a representação literária da imaginação ardente das filhas do Norte, de sentimentos nobres, de afeto e dedicação, promovendo a ideia de que a personagem se aproximava das moças locais. Essa característica da obra era bem importante, pois os temas próximos do cotidiano, tanto brasileiro quanto regional, aproximavam escritores e público leitor, e, dessa forma, *Úrsula* é identificada como representante da 'mulher maranhense', ou da 'mulher do norte'.

Ao lado disso, a resenha também contrapõe outra imagem e representação social da mulher, oposta aos traços idealizados em *Úrsula*: “essa donzela não se assemelha a tantas outras mulheres volúveis e inconsequentes que, aprendendo desde o berço a iludir, deslustram o seu sexo, mal compreendendo a missão de paz e de amor de que as incumbiu Deus”.



Ao afirmar uma oposição entre Úrsula/filha do Norte/pura/constante nos afetos X mulheres/volúveis/ inconstantes, o/a resenhista (e o próprio jornal) constrói a imagem da mulher ideal e situa seu lugar social na esfera religiosa que conforma seu papel como sendo a representação de uma missão incumbida por Deus, ou seja, para o/a redator/a, o destino social da mulher seria realizar uma missão divina. As mulheres que fugissem a esse modelo seriam relegadas à categoria das que “não compreendiam”, ou seja, passavam a ser definidas pela ideia de ausência de capacidades, sugerindo que as “*tantas outras mulheres*” só se comportavam de forma diferente porque não possuíam capacidade de compreensão. A partir disso, a/o resenhista (e o jornal?) explicita seu ponto de vista sobre o lugar e o papel das mulheres na sociedade do período.

Prosseguindo, as caracterizações de Tancredo e de Comendador P. estão no oitavo parágrafo. Tancredo é descrito em uma linha, e Úrsula é o parâmetro de comparação moral do personagem, como vemos: “Menos ardente não era o coração do jovem Tancredo”. Já o Comendador P. é definido pela inveja, pelo amor terrível, e apresentado como alguém que não sabe perdoar.

O nono parágrafo é também bastante rico e interessante: primeiro, apresenta Túlio e Susana, personagens escravizados; depois, lança elementos que permitem entrever, mais uma vez, um possível projeto intelectual da escritora e; em terceiro, lança pistas a respeito do processo de composição e de criação artística de Maria Firmina. O parágrafo integral é assim:

Túlio e Susana representam essa porção do gênero humano tão recomendável pelas suas desditas — O Escravo! —. A autora tem meditado sobre a sorte desses desgraçados entes, tem-lhes escutado as lacrimosas nênias e o gemer saudoso, a recordação de uma vida que já lá passou, mas que era bela nas regiões da África!...

Vemos que há a indicação de que a reflexão sobre a condição do escravo parecia ser um projeto intelectual de Firmina, quando afirma que a “autora tem meditado sobre a sorte desses desgraçados entes”; fica explícita a ideia de tempo, ou seja, sugere-se que já há algum tempo Firmina viria pesquisando, refletindo e escrevendo sobre a questão da condição do negro na sociedade escravista, delineando traços que seriam desenvolvidos em sua produção literária, ao longo dos anos.

Além disso, é possível encontrar pistas a respeito do processo de composição artística e do processo de criação da escritora, a partir da informação de que Firmina escuta[va] as lacrimosas nênias e o gemer saudoso, a recordação [dos escravos], podemos compreender melhor os métodos utilizados pela escritora na composição da obra. Trata-se de uma informação bastante relevante que confirma hipóteses desenvolvidas em estudos sobre a obra firminiana, corroborando, por exemplo, com os seguintes argumentos:

No ano de publicação do conto *A Escrava*, encontra-se essa interessante anotação: ‘Porfíria recebeu a liberdade a 17 do mesmo mês, e ano’ (Março, 1887). Essa anotação pode sugerir que Maria Firmina retirava do seu cotidiano mais imediato, muito daquilo que ela representava na forma literária. [...] A inclusão desse registro em seu

diário, ao nosso ver, nos leva a concordar, por exemplo, com Luiza Lobo [LOBO, 1993, p.229] quando ela afirma que 'Mãe Susana, de Úrsula, assemelha-se a mãe Joana, de *A Escrava*, no sentido de nos transmitir a impressão de se tratarem de pessoas que Maria Firmina realmente conheceu. [...] Assim entendemos que a pesquisadora sugere a possibilidade de Maria Firmina ter colhido depoimentos para compor sua obra, além, também, das ideias anotadas em Álbum.' (DIOGO, 2016, p.54).

Essa abordagem pode ser um viés analítico interessante para a investigação dos processos de criação e composição de Firmina.

Aqui, é importante destacar que o romance de Harriet Stowe, *A Cabana do Pai Tomás*, que [...] se tornou modelo de texto antiescravista nos anos de 1850 em diante, também pode ter se apropriado de uma retórica cotidiana da imprensa ou de biografias de ex-escravos para criar a trama e as personagens de seu romance (DIOGO, 2016, p. 125).

A partir disso, podemos pensar que Maria Firmina, que era uma leitora das obras de sua época, contava com esses modelos, para seguir ou recusar, de forma a trabalhar para inserir - 'intencionalmente' - sua obra no contexto de uma 'tradição' literária mais ampla, e ajustar certos elementos e certos procedimentos em sua configuração artística particular. Esse raciocínio faz muito sentido, principalmente se levarmos em conta que no século XIX, o/a autor/a não era uma instância relevante no valor atribuído à obra, importava mesmo era que as narrativas lembrassem e se aproximassem de narrativas notáveis e famosas (SOUZA, 2017).

Ao mesmo tempo, também é possível apreender da leitura do nono parágrafo o posicionamento da/o

resenhista (e do jornal) sobre a condição dos escravos no Brasil, os quais são identificados como "porção do gênero humano", "desgraçados entes", recomendáveis pelas adversidades; entendemos com isso, que os escravos são classificados como pertencentes à categoria dos *humanos* ("desgraçados", porém humanos), e, preferindo não avançar aqui na análise dos significados da restrição contidos na expressão "*porção do gênero humano*", entendemos que é possível apreender que, para o/a redator/a da resenha, a condição do escravo é compreendida para além da condição de mercadoria atribuída ao negro descendente de africano pelo ordenamento jurídico brasileiro da época. Dessa forma, o/a resenhista reconhece que, mesmo no interior das relações escravistas que visavam solapar as bases de constituição do indivíduo negro, os escravos eram críticos com relação ao próprio destino e expressavam essa visão crítica em depoimentos que concediam, nos quais articulavam recordações que podiam - ou atingir um tom de lamentação das "*lacrimosas nênias*" ou do "*gemer saudoso*"; ou, em outras vezes, atingir um tom de afirmação, presentes nas memórias que estabeleciam laços com uma vida bela passada na África.

Esse ato possível ao escravo - o de organizar a história de sua trajetória de vida na forma de um depoimento coerente - demonstra o esforço de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo o conjunto de experiências da vida individual e mostra que, em grande medida, o relato foi o espaço de constituição da subjetividade do negro (escravo ou forro). Firmina, desta forma, ouvindo esses depoimentos, como sugere a resenha, teria encontrado as condições para "identificar representações do

desejo, por parte do escravo, de ser indivíduo; do desejo de criar uma história pessoal; do desejo de atribuir significado à vida individual (e qual seria ele?), como marcas de subjetivação” (DIOGO, 2016, p. 132). Assim, ainda de acordo com Luciana Martins Diogo (2016, p. 132), a resenha contribui para compreensão de “como, no século XIX, o romance aborda um problema complexo: o da possibilidade dos cativos ou libertos construírem uma história pessoal”, além de abrir novas possibilidades interpretativas da obra e das práticas empregadas em sua confecção.

Por fim, o décimo parágrafo fecha o texto com uma síntese geral: o romance “é um brado” (voz/ clamor) humanista. E, diante dessa constatação, a/o resenhista conclui o anúncio fazendo um apelo bastante ambíguo ao público: “desculpai-a...”. Com isso, solicita-se que o público desculpe o ponto de vista humanista em que a obra está fundada? Ou que desculpe as vozes da narrativa, já que estas “bradam” seus clamores ao longo de todo o romance? Enfim, a partir de agora, temos novos elementos para aprofundarmos a investigação e a compreensão da obra literária de Maria Firmina dos Reis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da resenha, podemos afirmar que nela encontram-se expressas importantes indicações de um possível projeto intelectual/literário de Maria Firmina dos Reis que, a partir de 1857, passaria toda sua obra: o estudo do *homem* [da humanidade] e *das coisas*, atravessado e aprofundado pela reflexão sobre *a condição do negro na sociedade escravista oitocentista brasileira*. Afirmamos que nela

ainda é possível encontrar pistas sobre *as condições de produção*, sobre o *processo criativo* da escritora e também sobre o *processo de composição artística* utilizado por Firmina.

De modo que agora, acrescentando mais algumas peças nesse quebra-cabeças que a trajetória de Maria Firmina dos Reis conforma, podemos vê-la como uma mulher observadora e crítica de sua realidade, interagindo em espaços públicos de intelectualidade (escolas, jornais, algumas vezes 'salões'); em espaços de marginalidade ("escutando dos escravos as lacrimosas nênias e o gemer saudosos, a recordação de uma vida bela nas regiões da África!"); e a partir disso, no espaço privado ("recolhida ao seu gabinete a sós consigo mesma, procurando estudar os homens e as coisas, meditando sobre a sorte dos desgraçados escravos"), vemos como a autora produziu sua obra literária.

Em agosto de 1860 outras três resenhas foram publicadas, uma em *A Imprensa* (1º de agosto); a segunda no *Jornal do Comércio* (4 de agosto); e a última em *A Moderação* (11 de agosto). Outras duas apreciações foram publicadas em 1861, em *A Verdadeira Marmota* (13 de maio) e em *O Jardim das Maranhenses* (29 de setembro), encerrando as publicações críticas conhecidas do romance *Úrsula*, nos periódicos do século XIX.

Por fim, entendemos que essa resenha de *Úrsula*, de 1857, lança alguns feixes de luz sobre as *condições de composição* da obra e sobre *as práticas* de Firmina, que iluminam caminhos analíticos e interpretativos a serem desvendados nesse constante devir que é a leitura da obra dessa escritora incrível do século XIX. ■

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. *Literatura e atitudes políticas: olhares sobre o feminino e antiescravismo na obra de Maria Firmina dos Reis*. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpi.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1142/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20J%C3%89SSICA%20CATHARINE%20PPGEL%20UFPI%20FINAL.pdf?sequence=4>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- DIOGO, Luciana Martins. Firmina por Firmina: interpretando seus álbuns e diários. In: *Da sujeição à subjetivação: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A escrava de Maria Firmina dos Reis*. 220 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p.48-56. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-01112016-103251/pt-br.php>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- LOBO, Luiza. Auto-retrato de uma pioneira abolicionista. In: *Crítica sem Juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 222-238.
- SOUZA, Antonia Pereira de. *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista*. João Pessoa, 2017. 329 f. Tese (Doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2017/04/A-PROSA-DE-FIC%C3%87%C3%83O-NOS-JORNAIS-DO-MARANH%C3%83O-OITOCENTISTA.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2020.
- XIMENES, Sérgio Barcellos. *A história do romance Úrsula*. In: A Arte Literária | Blog Disponível em: <<https://aarteliteraria.wordpress.com/2018/02/11/a-historia-do-romance-ursula/>>. Acesso em: 25 maio 2020.